



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 2, CRATO – CE, AGOSTO DE 2026 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: ACEITO EM: - SEÇÃO 1: ARTIGOS

PERSPECTIVAS SOBRE O CONCEITO DE RELIGIÃO: SANTO AGOSTINHO, RUDOLF OTTO E PAUL TILLICH

PERSPECTIVES ON THE CONCEPT OF RELIGION: SAINT AUGUSTINE, RUDOLF OTTO, AND PAUL TILLICH

Walace Alexsander A. Cruz¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4745-5865>

DOI: <https://doi.org/10.8882/clq.v10i2.228>

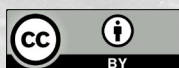
RESUMO: A história demonstra que o ser humano é, por excelência, um ser religioso. Desde as origens mais remotas da espécie, os vestígios deixados por nossos ancestrais evidenciam que o fenômeno multifacetado da religião acompanha todo o percurso histórico e evolutivo da humanidade. Mesmo diante dos mais sofisticados avanços intelectuais e científicos, o ser humano permanece, sob diferentes formas, um ser religioso. Nesse horizonte, reafirma-se a atualidade do tema e, por conseguinte, a necessidade de refletir sobre ele. O presente artigo tem por objetivo realizar uma análise etimológica, ontológica e teológica da religião, buscando apreender a polissemia de um conceito rico e plural. Para tanto, tomam-se como referência as contribuições de Santo Agostinho, Rudolf Otto e Paul Tillich. A pesquisa conclui que a religião é um conceito polissêmico e uma dimensão constitutiva do espírito humano. A partir desses autores, evidenciou-se que ela integra interioridade e expressão comunitária, experiência do sagrado como alteridade radical e orientação ao sentido último. Verificou-se, ainda, que sua autenticidade se manifesta nas transformações concretas do ser e do agir do crente, revelando a fecundidade teórica da pluralidade de seus significados.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; sagrado; numinoso; mistério; fé.

ABSTRACT: History demonstrates that the human being is, par excellence, a religious being. Since the most remote origins of the species, the traces left by our ancestors reveal that the multifaceted phenomenon of religion has accompanied the entire historical and evolutionary trajectory of humanity. Even in the face of the most sophisticated intellectual and scientific advances, the human being remains, in different forms, a religious being. Within this horizon, the relevance of the theme is reaffirmed and, consequently, the need to reflect upon it. This article aims to undertake an etymological, ontological, and theological analysis of religion, seeking to apprehend the polysemy of a rich and plural concept. To this end, the contributions of Saint Augustine, Rudolf Otto, and Paul Tillich are taken as reference points. The research concludes that religion is a polysemic concept and a constitutive dimension of the human spirit. Based on these authors, it is shown that religion integrates interiority and communal expression, the experience of the sacred as radical alterity, and orientation toward ultimate meaning. Furthermore, its authenticity is manifested in the concrete transformations of the believer's being and action, revealing the theoretical fecundity of the plurality of its meanings.

KEYWORDS: Religion; sacred; numinous; mystery; faith.

¹ Doutorando em Teologia, em regime de cotutela, pela FAJE (Brasil) e pela UCP (Portugal). Mestre em Filosofia pela FAJE. Bolsista CAPES/PROEX. E-mail: professorwalacealexander@yahoo.com



INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais longínquos e remotos encontram-se vestígios históricos e arqueológicos que atestam o ser humano como uma espécie religiosa. Alguns exemplos podem fundamentar essa afirmação: no período denominado “pré-histórico” – ou, se se preferir, “anterior à escrita” – tanto no *Homo sapiens* quanto nos *neandertais* há registros de sepultamentos com flores, pigmentos e objetos depositados junto aos mortos, o que sugere uma crença na vida após a morte e, portanto, em algum tipo de divindade (cerca de 100.000 a.C. – 60.000 a.C.). Na África do Sul foram encontrados pigmentos de ocre ligados a práticas simbólicas e rituais, datados de aproximadamente 75.000 a.C.; na Áustria, estatuetas e artes rupestres (cerca de 40.000 a.C.), entre as quais se destaca a estatueta de Vênus de Willendorf, datada de cerca de 28.000 a.C.; na França, pinturas rupestres de forte teor religioso, datadas de aproximadamente 32.000 a.C.; e, na Espanha, manifestações artísticas rupestres que simbolizam a caça, a fertilidade e a espiritualidade, datadas de cerca de 18.000 a.C.

Já nas civilizações posteriores ao advento da escrita, como na Suméria (cerca de 3.200 a.C.), no Egito Antigo (cerca de 3.000 a.C.), na China Antiga (dinastia Shang, aproximadamente 1.600 a.C.) e nas civilizações das Américas antes do contato com os europeus – como Caral, no Peru (cerca de 3.000 a.C.), e a civilização olmeca, na Mesoamérica (cerca de 1.500 a.C.) – multiplicam-se os testemunhos arqueológicos: templos monumentais, pirâmides, textos sagrados, ossos oraculares, vestígios de sacrifícios rituais a divindades, entre outros. Dado um salto histórico, observa-se, na Antiguidade Clássica (cerca de 800 a.C. – 476 d.C.), na Idade Média (aproximadamente 476 – 1453/1500 d.C.) e na Idade Moderna (cerca de 1453/1500 – 1789 d.C.), a proliferação de segmentos e expressões religiosas, bem como o crescimento significativo do número de pes-



soas vinculadas à multiplicidade de fés presentes na sociedade (Eliade, 1984; Eliade, 1989; Eliade, 2010). Houve teóricos que anunciaram o fim do fenômeno religioso, associando-o a uma suposta “fase infantil” do desenvolvimento humano². Não obstante, mesmo com o avanço de nossa espécie e os progressos alcançados nas áreas das ciências, das tecnologias, das neurociências e da filosofia, o ser humano continua sendo, por excelência, um ser religioso — e isso de modo majoritário.

Muitos pensadores, em diferentes períodos históricos, reconheceram o lugar vital que a religião ocupa no seio da humanidade e empreenderam esforços para refletir sobre essa temática. Para citar alguns exemplos: Platão (2012a; 2012b; 2012c); Friedrich Nietzsche (2006a; 2006b); Ludwig Feuerbach (2013); Karl Marx (2010; 2013); Émile Durkheim (1996); e Max Weber (2004). A importância elementar da religião na modernidade pode ser percebida, especialmente, com a criação de uma ciência própria dedicada à sua investigação: a Ciência da Religião, que, desde o século XIX (institucionalizada em 1870, com a primeira cátedra em Leiden, na Holanda), se consolidou como um campo fundamental para as contribuições do conhecimento multifacetado acerca do fenômeno religioso. Considerando a atualidade e a relevância do tema, esta pesquisa tem como objetivo analisar a polissemia do conceito de religião, iniciando por uma análise etimológica

2 Pode-se mencionar, por exemplo, os chamados teóricos, ou filósofos, da suspeita: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. Em linhas gerais, Marx compreendeu a religião como elemento funcional à estrutura do sistema capitalista, exercendo papel alienante ao legitimar e sustentar condições materiais de exploração; em sua perspectiva, com a superação histórica do capitalismo por meio da consciência de classe, da revolução proletária e da instauração do comunismo, a religião tenderia a desaparecer ou a perder sua razão de ser. Nietzsche, por sua vez, avaliou que a emergência da razão como força propulsora da história conduziria à superação da religião, associada a uma visão mítica e metafísica do mundo, da história e do próprio ser humano; no célebre aforismo da “morte de Deus”, em *A Gaia Ciência*, expressa essa mudança paradigmática, na qual já não é uma instância supranatural que orienta a existência, mas o próprio ser humano, agora autonomizado, que assume a condução de seu destino histórico. Freud, por fim, interpreta a fé religiosa como resultado de processos psíquicos compreensíveis à luz da teoria do inconsciente, âmbito no qual se concentram desejos, sonhos e impulsos reprimidos; a religião poderia, assim, ser entendida como projeção e deificação de instâncias psíquicas que regulam, proíbem e inibem o indivíduo, produzindo sentimentos como medo, culpa e dependência. Para aprofundamento, conferir: CRUZ, Wallace Alexsander A. *Crucificados: ser cristão no mundo atual*. Belo Horizonte: UICLAP, 2022, especialmente o capítulo 2, onde o autor desenvolve a temática.



da própria palavra e de alguns de seus significados primários. Na sequência, refletem-se aspectos ontológicos e teológicos fundamentais desse fenômeno, à luz de três referências centrais: Santo Agostinho, Rudolf Otto e Paul Tillich.

RELIGIÃO: TRAÇOS ETIMOLÓGICOS

Em língua grega, a palavra que mais se aproxima do conceito que comumente traduzimos por “religião” é θρησκεία (threskeia), cujo significado remete à adoração prestada em cultos religiosos, sobretudo em seu aspecto cerimonial, ritual e litúrgico. No Novo Testamento (NT), o termo aparece quatro vezes: At 26,5; Cl 2,18; Tg 1,26 e 27, indicando a dimensão formal e observante da prática religiosa. Além disso, embora não utilizada de modo direto para traduzir “religião”, a palavra λατρεύω (latreuō) está intimamente ligada a essa ideia no NT. O verbo aparece em 2Tm 1,3 e Hb 12,28, enquanto seu substantivo correspondente, λατρεία (latreia), é empregado, por exemplo, em Rm 9,4 e Hb 9,1, evocando a dimensão da adoração e do serviço prestados a Deus. Quando o termo *latreia* deixa de ser direcionado a Deus, considerando aqui a perspectiva judaico-cristã, transforma-se em εἰδωλολατρεία (eidōlolatreía), ou seja, idolatria. Exemplos disso se encontram em 1Cor 10,14: φεύγετε ἀπὸ τῆς εἰδωλολατρείας (“fugi da idolatria”) e em Ap 21,8, onde os εἰδωλολάτραι (idólatras) são condenados (Mora, 2001; Vine, 2016; Wycliffe, 2000).

No contexto latino, o termo mais recorrente para designar a religião é *religio*, que alguns autores vinculam ao verbo *relegere*. Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), ainda na Antiguidade Clássica, utilizava a expressão para se referir àqueles que cumpriam com rigor seus deveres religiosos, especialmente no que dizia respeito às obrigações cerimoniais e litúrgicas. Ademais, a associação de *religio* à ideia de “reler”, “reconsiderar” e “agir com cuidado” diante do que pertence à esfera do divino evidencia o caráter reflexivo e atento da religiosidade na



experiência humana — aspecto já assinalado por Cícero (Abbagnano, 2012; Wycliffe, 2000). Um caso emblemático é o do budismo: embora persista o debate acerca de sua natureza, se filosofia ou religião, pode ser compreendido como uma tradição que apresenta fortes elementos religiosos, mas de caráter agnóstico, ou mesmo ateu, na medida em que não exige a fé em uma divindade para a adesão de seus praticantes³<https://cebb.org.br/en/uma-breve-introducao-ao-budismo/3>. Contudo, via de regra, o conceito de religião encontra-se radicado na fé no Transcendente, seja ele (ou, ela) qual for e, por conseguinte, às formas de culto prestadas a ele (ou, ela). Cumpre destacar, ainda, que o conceito, a reflexão e as práticas religiosas se perdem nas linhas do tempo, antecedendo em muito o próprio advento do cristianismo. Este, por sua vez, atribuiu novos significados e sentidos à noção de religião, os quais exerceram profunda influência sobre toda a cultura posterior.

ALGUNS SENTIDOS DO CONCEITO DE RELIGIÃO NA TRADIÇÃO CRISTÃ

Como visto, a palavra *religião* aparece, ainda que de forma esparsa, no Novo Testamento. Contudo, a tradição teológica posterior ao período bíblico dedicou-se amplamente à reflexão sobre o conceito, seus significados e sentidos, desde a época patrística até a contemporaneidade. Evidentemente, seria impossível abarcar toda a vastidão presente nesse depósito teológico cristão; por isso, optamos por destacar alguns pontos centrais da reflexão sobre a religião no cristianismo, tomando como referência três pensadores fundamentais: Santo Agostinho, Rudolf Otto e Paul Tillich.

3 Cumpre observar que o budismo, em suas formulações clássicas, não exige a fé em um Deus criador, pessoal e absoluto, tal como concebido nas tradições monoteístas. Trata-se de uma tradição religiosa não teísta, cuja estrutura doutrinária se fundamenta nas Quatro Nobres Verdades, no Caminho Óctuplo e na superação do sofrimento por meio do despertar. Embora algumas correntes admitam a existência de deidades (devas), estas não possuem caráter criador nem absoluto, estando igualmente submetidas ao ciclo do *samsara*. Assim, a libertação não depende da fé em uma divindade suprema, mas da prática ética, da disciplina meditativa e da sabedoria. Para aprofundamento, conferir: Acesso em: 12 fev. 2026.



RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho não escreveu uma obra dedicada exclusivamente ao tema da religião, contudo, em diversos de seus escritos desenvolveu reflexões sólidas e profundas a respeito. Exemplos notáveis encontram-se em suas duas principais obras: *Confessiones* (Confissões) e *De civitate Dei contra paganos* (A Cidade de Deus: contra os pagãos). Em *Confissões*, Agostinho apresenta a religião como dimensão constitutiva e profunda do ser humano, que se manifesta por meio da inquietação e da angústia persistentes. Esses sinais revelam a dependência radical do homem em relação a um Outro específico: Deus. Essa convicção é expressa de forma paradigmática na célebre passagem: “Quer te louvar o homem, fragmento qualquer de tua criação, e anda em círculos carregando sua mortalidade [...] Tu o incitas, para que goste de te louvar, porque o fizeste rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti” (Agostinho, 2017, p. 37). Assim, para Agostinho, a religião, em primeiro lugar, é identificada como uma realidade de caráter subjetivo e pessoal, isto é, remete a uma necessidade interior patente no ser humano. Percebe-se aqui uma ampliação no significado de religião, que até então era predominantemente compreendida sob o viés exterior, cerimonial e ritual.

Agostinho, portanto, não reconhece como autêntica religião aquela que se reduz ao mero cumprimento de normas, preceitos e ritos. Em sua perspectiva, a religião se define, de modo essencial, pela verdade, pela devoção e pela rendição radicadas na interioridade humana, na dimensão mais profunda do ser. Desse modo, embora não negue a revelação de Deus presente na criação, e, portanto, “visível”, Agostinho afirma que Deus é “ocultíssimo” e encontrado especialmente no mais íntimo da interioridade. Nessa linha, a conversão, elemento vital para o tornar-se verdadeiramente “religioso”, ainda que se manifeste por meio de ritos



externos (como o batismo, a confissão e/ou a comunhão), transcende a ritualidade. Sua realidade mais autêntica se concentra no coração, entendido como símbolo do que há de mais profundo na pessoa (Agostinho, 2017). Em *A Cidade de Deus*, Agostinho ratifica essa mesma perspectiva ao acentuar a validade do culto prestado a Deus pelo teor de verdade, sinceridade e devoção presentes no coração. Assim, não é decisiva a pergunta sobre o lugar em que participamos da celebração, seja em uma catedral imponente ou em uma humilde comunidade, mas sim a disposição interior com que o fazemos.

Contudo, nesta obra de caráter mais apologético, Agostinho não se restringe à compreensão da religião como dimensão subjetiva (como, de fato, também não o fizera em *Confissões*). Afirma, de modo categórico, que existe apenas uma religião verdadeira: a cristã (Agostinho, 2012). A diferença fundamental é que, enquanto as demais religiões representam tentativas humanas de alcançar a Deus, a religião cristã – cujo centro é a pessoa bendita e redentora de Jesus Cristo – constitui o caminho oferecido pelo próprio Deus para que o ser humano possa chegar a Ele. É, portanto, aquilo que Agostinho denomina “senda universal para a libertação” do homem (Agostinho, 2012, p. 476-478). Assim, é afirmado na compreensão agostiniana de religião, o aspecto exterior e objetivo desta. No entender de Agostinho:

É a religião cristã que devemos abraçar, e manter a comunhão com a Igreja, a denominada católica, por ser universal. Assim é ela denominada, não somente por seus fiéis, mas também por seus adversários [...] O caminho de toda vida boa e feliz encontra-se na verdadeira religião. Por ela, é adorado o único Deus, com piedade muito pura (Ferreira, 2007, p. 189).

Em suma, para Santo Agostinho o conceito de religião abarca duas dimensões complementares, sem que haja entre elas qualquer contradição: a interior e a exterior. A primeira diz respeito ao encontro íntimo e pessoal do ser humano



com Deus, que acontece no espaço da interioridade. A segunda refere-se ao encontro com Deus que se realiza na vida eclesial, especialmente nas celebrações comunitárias, mediante a liturgia, os louvores, os serviços e, de modo singular, na Eucaristia. Importa destacar, ademais, que para Agostinho não há uma condição de igualdade entre todas as religiões. Ao contrário, ele afirma a singularidade da religião cristã, a qual, segundo o autor, detém a plenitude da verdade revelada em Jesus Cristo.

RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DE RUDOLF OTTO

Rudolf Otto (1869–1937), pastor, teólogo e filósofo alemão, é considerado um dos mais importantes pesquisadores do século XX no que se refere à investigação sobre a temática da religião. Tornou-se amplamente conhecido e reconhecido por seu *opus magnum*, *Das Heilige* (O Sagrado), publicado em 1917, obra que se consolidou como marco referencial obrigatório para os estudos modernos do fenômeno religioso em sua multiplicidade de formas. Nela, Otto introduziu conceitos fundamentais para a compreensão da experiência religiosa, os quais dificilmente podem ser ignorados. Destarte, *O Sagrado* constitui a referência central para nosso esforço de compreender a perspectiva de Otto acerca da religião. De imediato, Otto chama a atenção para o fato de que o sagrado constitui uma categoria e uma dimensão intrínsecas ao domínio religioso, e que, nesse horizonte, têm sua origem e conservam um significado e um sentido *sui generis*.

O sagrado é, antes de mais, uma categoria de interpretação e de avaliação que, como tal, só existe no domínio religioso. Sem dúvida, também ocorre noutros domínios, por exemplo, na ética, mas não é dela que provém. Esta categoria é complexa; compreende um elemento com uma qualidade absolutamente especial, que escapa a tudo o que chamamos racional, constituindo, enquanto tal, um *arrêton*, algo de inefável (Otto, 2024, p. 11, *italico do autor*).



Portanto, o horizonte da religião caracteriza-se, fundamentalmente, por ser o domínio do sagrado. Antes de aprofundar sua reflexão, Otto destaca que é imprescindível, para quem se propõe a analisar a religião, ter sido iniciado ou ao menos ter experimentado essa dimensão. Isso porque, embora seja possível lançar mão de perspectivas e instrumentos sociológicos, filosóficos, psicológicos e até mesmo teológicos para investigar o fenômeno religioso, tais abordagens podem, no máximo, alcançar sua superfície. A quintessência da religião, isto é, sua realidade mais profunda e íntima, transcende os limites da investigação puramente científica e técnica.

Uma pessoa pode ser capaz de prestar atenção aos sentimentos que experimentou na época da puberdade, aos problemas gástricos ou até aos sentimentos sociais, e incapaz de estar atenta aos sentimentos especificamente religiosos. Com uma pessoa assim, é difícil tratar de religião. É desculpável se, esforçando-se por tirar todo o partido dos princípios explicativos de que dispõe, concebe, por exemplo, a estética como um prazer dos sentidos e a religião como uma função dos instintos sociais e um valor social ou se ainda faz dela uma ideia mais rudimentar. Mas o artista, que em si próprio faz a experiência estética e lhe reconhece o caráter particular, recusará, e bem, aceitar as suas teorias, e mais ainda a pessoa religiosa (Otto, 2024, p. 15).

Pode-se aqui estabelecer um trocadilho em relação ao que afirmou Santo Agostinho: *Credo ut intelligam* (“Creio, logo compreendo”). Para o bispo de Hipona, a fé era imprescindível para compreender o mistério que nela se encerrava. Por sua vez, ainda que Otto não utilize essa fórmula, é possível sintetizar sua reflexão em um axioma: *Experior, ergo intellego* (“Experimento, logo compreendo”). Isso implica que a religião, de certo modo, requer mais do que a simples observação, recurso elementar do pesquisador, exigindo também a experiência vivida de sua realidade. Cabe destacar que, segundo Otto, a religião abarca tanto a dimensão do dizível (racional) quanto do indizível (irracional). Quanto a este último, o termo “irracional” não indica algo que se opõe à razão, mas aquilo que a transcende, isto é, que não se reduz nem se esgota pelos instrumentos da



racionalidade. Assim, a religião, enquanto dimensão singular do sagrado, ocupa um lugar cuja plenitude a razão e a ciência não conseguem apreender integralmente. Isto porque a religião envolve não apenas o ser humano, não se restringindo, portanto, a uma análise fenomênica de uma condição “estranha” que lhe ocorre.

Nesse sentido, Otto critica a ideia de Friedrich Schleiermacher (1768–1834), cuja teoria incorreria na concepção de que “o sentimento religioso seria um sentimento de si próprio [...] uma determinação particular do eu, o da minha dependência” (Otto, 2024, p. 17). Pelo contrário, a experiência religiosa, quando verificada e reconhecida como autêntica, é sempre um “efeito” de alguém ou algo exterior ao ser humano. Nesse contexto, Otto introduz alguns conceitos fundamentais, sendo o primeiro deles o **sentimento de estado de criatura**. Para isso, ele recorre a Schleiermacher⁴, a quem reconhece o mérito de assinalar que a experiência religiosa evidencia, no ser humano, um dado que denomina **sentimento de dependência**. Ou seja, o ser humano religioso possui uma consciência profunda de sua finitude, de sua miséria e, em certo sentido, de sua nulidade — consciência que se torna absoluta quando comparada a qualquer outra, que é sempre relativa. Otto ressalta que tais sentimentos não são naturais, tampouco irrompem aleatoriamente no ser humano, ao contrário, são possíveis apenas com efeito de uma experiência que, em última análise, se evidencia sobre-humana (Otto, 2024).

Mas qual é esse objeto, de natureza transcendente, fora do “eu”, que provoca tais sentimentos no ser humano? Para Rudolf Otto, trata-se do **numinoso**, termo

4 Na análise desenvolvida em *O Sagrado*, Rudolf Otto dialoga constantemente com aspectos da reflexão produzida por Schleiermacher, reconhecendo suas contribuições singulares para o pensamento moderno sobre o tema religião, sem, contudo, deixar de apontar os limites e problemas que identifica em sua perspectiva. Por Schleiermacher não figurar entre as referências centrais desta pesquisa, optamos por não aprofundar sua abordagem sobre a religião — o que desviaria o foco de nossos objetos de estudo e ocuparia um espaço já limitado. Não obstante, reafirmamos a importância do autor para a compreensão do fenômeno religioso. Para os leitores interessados em uma análise mais detalhada da perspectiva de Schleiermacher sobre o tema, sugerimos a seguinte obra: SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre a Religião*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2000.



que pode ser entendido, a partir do latim *numen*, como a presença divina — uma potência sobrenatural cuja força e impacto são de natureza *sui generis*. Apenas a experiência numinosa é capaz de gerar o sentimento de dependência absoluta, o sentimento de criatura, ou aquela “estranha emoção” que “arrebata”, fenômeno que Otto denomina terror, ou mais especificamente, **terror numinoso** (Otto, 2024, p. 17-18; 23). Contudo, é impossível averiguar a natureza ou a qualidade desse ser ou “objeto”; em outras palavras, transcende-nos a capacidade de perscrutar o “SER” em si, isto é, o próprio numinoso. “Uma vez que não é racional, isto é, que não se pode desenvolver por conceitos, não podemos indicar o que é, a não ser observando a reação do sentimento particular que o seu contacto em nós” (Otto, 2024, p. 19). Com efeito, Otto denomina o numinoso, pela sua natureza, de **mysterium tremendum**. Destarte, só podemos analisá-lo por meio de suas ressonâncias no ser humano.

O sentimento que provoca pode espalhar-se na alma como uma onda apaziguadora, a que se segue então a vaga quietude de um profundo recolhimento. Este sentimento pode assim transforma-se num estado de alma constantemente fluido, semelhante a uma ressonância que se prolonga durante muito tempo, mas que acaba por se extinguir na alma que retorna ao seu estado profano [...]. Pode levar a estranhas excitações, ao inebriamento, aos arrebatamentos, ao êxtase [...]. Pode degrada-se e quase confundir-se com o arrepio e o pasmo de horror experimentado diante dos espectros [...]. Possuindo uma capacidade de desenvolvimento com que se refina, se purifica, se sublima. Pode transformar-se no silencioso e humilde estremecimento da criatura que fica interdita em presença daquilo que está, num mistério inefável, acima de toda criatura (Otto, 2024, p. 20).

Chamar o “SER” que possibilita a experiência religiosa e desperta no ser humano o sentimento do numinoso de *mistério* constitui, como é característico de toda linguagem religiosa, uma analogia, pois, em sentido último, sua essência ou realidade mais profunda permanece-nos imperscrutável. Otto, entretanto, assinala nele duas notas fundamentais e singulares: a inacessibilidade absoluta e a **majestas**. Mas, se se afirma sua inescrutabilidade, como é possível, ao



mesmo tempo, indicar tais especificidades? Precisamente pelas ressonâncias que se tornam perceptíveis naqueles que vivem a experiência religiosa. Nesses casos, conclui-se a respeito da inacessibilidade absoluta porque, segundo o testemunho dos que a experimentaram, percebe-se a condição de plena inesgotabilidade ou de transbordamento infinito que a envolve, já que, ainda assim, tudo quanto se experimenta parece ser apenas uma gota diante de um oceano sem limites. Do mesmo modo, conhece-se sua majestade porque esta ressoa no interior da pessoa como aquilo que Otto denomina de **tremenda majestas**. Quer dizer, é diante dessa *majestas tremenda*, e unicamente por meio dela, que a pessoa toma consciência de ser criatura e, portanto, de sua própria finitude; em linguagem bíblica, de sua peregrina condição humana de “pó e cinzas” (Gn 2,7).

É precisamente com este superpoder absoluto, com a *majestas* do numinoso que se relaciona o sentimento do estado de criatura. É a sua sombra e reflexo subjetivo. Em contraste com o poder que pressentimos fora de nós, concretiza-se enquanto o sentimento do nosso próprio apagamento, do nosso aniquilamento, consciência de ser apenas pó e cinza, de ser somente nada. Este sentimento numinoso forma, por assim dizer, a matéria da humildade religiosa [...]. É a impotência face à absoluta superioridade de poder, é o sentimento do nada da criatura (Otto, 2024, p. 27-28, *itálico do autor*).

Em suma, para Rudolf Otto, a religião caracteriza-se fundamentalmente por ser a origem e o âmbito do sagrado. Nela, afirma-se a existência de uma realidade outra que, em sentido último, é imperscrutável e, por isso mesmo, irracional — no sentido de transcender à capacidade humana, com suas técnicas e metodologias, a possibilidade de apreendê-la em sua inteireza e plenitude. Todavia, isso não significa que a questão se encerre nesse ponto, pois o mesmo fenômeno, que Otto denomina *numinoso* e/ou *mysterium tremendum*, torna-se, de certo modo, acessível, inteligível e racionalizável, uma vez que sua manifestação produz efeitos (ressonâncias) naquele que a experimenta. São exemplos disso: o tremor,



o fascínio, a humildade e uma profunda alteração no modo de ser e agir da pessoa.

RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DE PAUL TILlich

Paul Tillich (1886–1965) foi um teólogo e filósofo protestante alemão-americano, considerado um dos principais pensadores do século XX. Destacou-se por eleger a religião, como o próprio autor afirma, o centro de suas preocupações e reflexões (Tillich, 2009, p. 33). Sua obra oferece subsídios relevantes para o aprofundamento dessa temática. Tillich inicia sua análise identificando dois eixos centrais a partir dos quais se pode compreender o fenômeno religioso: o primeiro eixo é o teológico, que, em síntese, concebe a religião como o recebimento de algo proveniente de fora de nós – por exemplo, uma graça manifestada, uma revelação comunicada ou uma experiência concedida. Nessa perspectiva, o ser humano aparece, fundamentalmente, como receptor, isto é, como elemento passivo diante desse outro que vem ao seu encontro.

Segundo eles [os teólogos], religião significa que recebemos alguma coisa *de fora*, que nos é dada e pode voltar-se contra nós. Insistem que a relação com Deus não pode partir de nós e que, portanto, Deus é quem toma a iniciativa. Poderíamos resumir o que pensam, afirmando que a religião não é criação do espírito humano ('espírito' com 'e' minúsculo), mas dom do Espírito divino ('Espírito' com inicial maiúscula). Acrescentariam, ainda, que o espírito humano só é criativo em relação a si mesmo e ao mundo, mas nunca a Deus. Em relação a Deus somos apenas receptivos (Tillich, 2009, p. 40).

O segundo eixo é o das ciências humanas, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a história e a psicologia. Em linhas gerais, a religião é explicada como um fenômeno histórico diretamente vinculado ao espectro político, isto é, como um de seus mecanismos de dominação, imposição e manipulação. Sob a perspectiva psicológica, por sua vez, a religião é compreendida como um estágio



mitológico, ou infantil, no desenvolvimento da psique humana, configurando-se, por isso mesmo, como uma fase transitória destinada a ser superada⁵.

As ciências humanas [...] acentuam a infinita diversidade de idéias e práticas religiosas, o caráter mitológico dos conceitos religiosos e a existência de grande número de formas não religiosas adotadas por indivíduos e grupos [...] Dizem, seguindo Comte, que a religião caracteriza o estágio mitológico do desenvolvimento humano, e não tem lugar na época científica em que vivemos. Segundo essa atitude a religião é apenas criação transitória do espírito humano, mas nunca sua qualidade essencial (Tillich, 2009, p. 40).

Tillich reconhece que, em ambas as perspectivas, existem constatações verídicas, ainda que permeadas por certo reducionismo. Ele concorda que a teologia acerta ao perceber que a afirmação da existência de um outro ser, de natureza transcendente, constitui elemento fundamental para a experiência religiosa. “A religião não pode abdicar do Absoluto” (Tillich, 2016, p. 79). O que se entende por experiência religiosa está enraizado, de modo fundamental, em uma relação do tipo eu–Tu; por isso, não pode prescindir dessa alteridade — mais precisamente, de uma “alteridade absoluta”, assim denominada em razão de sua natureza. Contudo, Tillich observa que, não raras vezes, teólogos e teólogas restringem sua análise da religião aos limites do dogma, deixando de investigar outros aspectos e camadas mais profundas que permeiam seu horizonte, lacuna que atualmente é ocupada, por exemplo, pela psicanálise, pela psicologia analítica junguiana e até mesmo pelas ciências da religião. Por outro lado, ele também reconhece a relevância das ciências humanas e das ciências neurológicas. De fato, a religião esteve vinculada a sistemas políticos, legitimando-os, servindo a seus interesses e funcionando como instrumento de controle e manipulação

5 Sigmund Freud, por exemplo, na sua obra clássica *O Mal-Estar na civilização* (2011, p. 16-17), identifica a religião como um fenômeno decorrente de situações da infância. Onde é mais agudizada a necessidade de amparo, proteção e cuidado; daí a criação imaginária (ou projeção idealizada) de um ser Todo-Poderoso (arquétipo do Pai), que acolhe e supre todas essas necessidades infantis.



social. Além disso, constata-se a existência de manifestações religiosas que, não raro, revelam-se infantis ou até mesmo primitivas (Tillich, 2009).

Não obstante, definir a religião apenas a essas expressões constitui igualmente uma forma de reducionismo, incapaz de contemplar sua totalidade e a complexidade de seu fenômeno. Destarte, Tillich procura analisar a religião levando em conta as contribuições de ambos os aspectos, o teológico e o das humanidades, sem, contudo, restringir-se aos reducionismos desse binômio e buscando, ao mesmo tempo, oferecer novas contribuições à reflexão. Então, o que é religião para Paul Tillich?

A religião é um dos aspectos do espírito humano [...] Quando dizemos que religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Que ponto de vista é esse? É o que parte das profundezas de nossa vida espiritual. A religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade presente em todas as funções (Tillich, 2009, p. 42).

Destacamos que, para Tillich, a religião é a **dimensão da profundidade**. “Mas o que significa a metáfora da profundidade? Quer dizer que o aspecto religioso se volta para os elementos supremos, infinitos e incondicionados da vida” (Tillich, 2009, p. 44, *itálico do autor*). Assim, o religioso constitui a dimensão mais profunda do espírito ou da natureza humana, caracterizando-se como a força motriz que impele o ser humano à busca do sentido último — aquilo que Tillich denomina “significado último” (Tillich, 2009, p. 46). Essa conceituação tillichiana desloca a religião do papel de “parte da cultura”, elevando-a à condição de “fundamento e substância” de toda a cultura. Jorge Pinheiro, em sua apresentação da obra *Teologia da Cultura*, pondera sobre esse aspecto da reflexão de Tillich: “por baixo das manifestações culturais específicas se faz presente a religião. Assim, a religião expressa o incondicionado, dando margem a manifestações especiais, que se apresentam enquanto cultura” (Tillich, 2009, p. 13). Isso significa



que, na arte, na literatura, na poesia, na pintura e em outras manifestações culturais, é possível perceber expressões que, em sua essência, são inspiradas pela dimensão do religioso – ou seja, do anseio pela profundidade e pelo sentido último.

Tomemos como exemplo a arte. Por meio dela, é comum se representar os variados sentimentos humanos: paixões, alegrias, encantamentos, angústias e dores, mas, especialmente, suas inquietações mais profundas, ou, mais especificamente, aquilo que Tillich (2020, p. 34) denomina de “inquietação última”. O mesmo ocorre na literatura, na música e na poesia; não obstante a separação entre sagrado e secular, que, na perspectiva tillichiana, constitui uma dicotomia insustentável e, portanto, superada, percebe-se, nessas expressões artísticas “seculares”, elementos profundamente religiosos, como a sede de transcendência, o desejo pelo infinito, a fome pelo mistério e a obsessão pelo encontro de um sentido último que sustente toda a existência (Tillich, 2020). Deste modo, Tillich compreende que “a dimensão religiosa [está] presente em diversas esferas da atividade cultural humana” (Tillich, 2009, p. 33). Assim, a dimensão religiosa abarca a arte, a estética, a ética, a moral, o conhecimento e o sentimento; contudo, não pode ser reduzida a nenhuma dessas atividades, pois isso implicaria, para a religião, a perda de seu significado singular e supremo.

Com efeito, o teólogo alemão-americano chama a atenção para o risco de identificar Deus e seu Reino meramente com o significado e as exigências éticas que deles decorrem, anulando dois elementos essenciais na experiência religiosa: o mistério e a majestade divina (Tillich, 2004; Tillich, 2020). Isso não significa que Tillich estabeleça uma dicotomia entre transcendência e imanência; pelo contrário, em seu entendimento, ambas as dimensões são correlatas em sua análise. Assim, a religião jamais prescinde do horizonte da transcendência, tanto quanto da imanência. O que Tillich faz é iluminar o modo de ser e agir do crente na reali-



dade presente à luz daquela realidade outra que a transcende. Com efeito, a dimensão religiosa caracteriza-se como uma experiência mística, na qual contemplação e ação são intrinsecamente relacionadas.

Em suma, para Tillich, a religião diz respeito a uma dimensão autônoma e singular presente no espírito humano; essa dimensão é responsável por inspirar e motivar o ser humano na busca do significado mais profundo da existência, o chamado “sentido último”. Assim, em vez de ser enquadrada como mais uma dentre outras expressões culturais, a religião constitui a subestrutura de toda a cultura – da arte, da música, da poesia, da literatura, da dança etc. – cuja presença se evidencia especialmente quando, nessas manifestações artísticas, se tornam patentes as inquietações humanas mais profundas e o desejo insaciável por um outro cuja realidade é totalmente transcendente, ainda que se manifeste de forma imanente no mundo. Destarte, a dimensão religiosa fundamenta, por exemplo, a ética, a moral e a política; contudo, não se reduz a nenhuma delas, pois as transcende e oferece ao próprio crente a experiência de se transcender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa permite concluir que religião é um conceito polissêmico, isto é, portador de múltiplos significados elaborados em distintos contextos históricos e a partir de diversas perspectivas interpretativas. Longe de constituir um elemento depreciativo, essa polissemia amplia e enriquece a compreensão da religião enquanto fenômeno singular da experiência humana. Neste artigo, a análise concentrou-se nas contribuições de Santo Agostinho, Rudolf Otto e Paul Tillich. Em Agostinho, o conceito de religião articula duas dimensões inseparáveis e complementares: a interior e a exterior. A primeira refere-se à experiência íntima e pessoal do ser humano com Deus, vivida no âmbito da interioridade. A segunda concretiza-se na vida eclesial, especialmente nas celebrações comunitárias, na



liturgia, nos louvores, no serviço e, de modo eminente, na Eucaristia, como expressão culminante da comunhão com o divino. Ademais, para Agostinho não há equivalência entre as religiões: sua reflexão afirma a singularidade do cristianismo como portador da plenitude da verdade revelada em Jesus Cristo. Interioridade e pertença eclesial convergem, assim, para a afirmação da verdade cristã como realização plena da relação entre Deus e a humanidade.

Para Rudolf Otto, por sua vez, a religião define-se primordialmente como o âmbito próprio do sagrado. Ela remete à presença de uma realidade absolutamente outra que, em seu núcleo, é inapreensível e irracional, não por se opor à razão, mas por exceder seus limites e escapar a qualquer tentativa de domínio técnico ou metodológico. Tal transcendência, contudo, não implica inacessibilidade absoluta. O numinoso, ou *mysterium tremendum*, torna-se perceptível por meio de seus efeitos na consciência daquele que o experimenta. Tremor, fascínio, humildade e profunda transformação existencial constituem sinais dessa experiência. A religião apresenta-se, portanto, como o espaço em que o ser humano é afetado por uma alteridade radical que ultrapassa a razão, mas imprime marcas concretas no existir. Em Tillich, a religião corresponde a uma dimensão autônoma e singular do espírito humano, responsável por orientar a existência em direção ao seu significado mais profundo, o “sentido último” ou preocupação última. Não se trata de uma esfera cultural entre outras, mas da profundidade que sustenta e atravessa toda a cultura.

A religião configura-se como subestrutura da arte, da música, da literatura, da poesia, da dança e de outras expressões simbólicas, tornando-se especialmente visível quando nelas emergem as inquietações humanas mais radicais e o anseio por uma realidade absolutamente transcendente, ainda que experimentada de forma imanente. Nesse horizonte, a dimensão religiosa fundamenta ética, moral e política, sem se reduzir a nenhuma delas, pois as transcende e abre ao



ser humano a possibilidade de autotranscendência e participação no fundamento último do ser. Em leitura conjunta, pode-se afirmar que a religião se apresenta como dimensão autônoma do espírito humano, embora essencialmente aberta, dialogal e correlacional. Há em seu interior um múnus próprio, que se expressa na experiência do numinoso e na orientação ao sentido último. A validade da experiência religiosa não se comprova por critérios meramente externos, mas pelas ressonâncias concretas no ser e no agir do crente, cuja existência se vê substancialmente transformada. A vida pública da pessoa religiosa torna-se, assim, testemunho decisivo de que há na religião um mistério que, embora oculto em sua essência, revela-se no modo de viver.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

A BÍBLIA: **Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2015.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**: contra os pagãos (Parte I). Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

AGOSTINHO. **Confissões**. 2º ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CRUZ, Wallace Alexsander A. **Crucificados**: ser cristão no mundo atual. Belo Horizonte: UICLAP, 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Trópicos).

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Idéias Religiosas**: de Maomé à Idade das Reformas (Tomo III). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.





ELIADE, Mircea. **Origens**: história e sentido na Religião. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Editora Vida, 2007. (Série Pensadores Cristãos).

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do Cristianismo**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. 3º ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Sobre a Questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia – Tomo IV**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratrusta**: um livro para todos e para ninguém. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. 3º ed. São Paulo: Editora Escala, 2006b.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 2024.

PFEIFFER, Charles F; REA, John; VOS, Howard F. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. São Paulo: CPAD, 2006.

PLATÃO. **Fédon (ou da Alma)**. São Paulo: Edipro, 2012a.

PLATÃO. **Fedro (ou do Belo)**. São Paulo: Edipro, 2012b.

PLATÃO. **Timeu e Crítias ou a Atlântida**. São Paulo: Edipro, 2012c. (Série Clássicos Edipro).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre a Religião**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2000.

TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

TILLICH, Paul. **No Limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. **Textos Seleccionados**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VINE, W.E. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

